

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA PESQUISA ETNOGRÁFICA EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Challenges and perspectives associated with ethnographic research in a Quilombola Community

MOREIRA, Agda Marina Ferreira¹

BRITO, José Eustáquio²

RESUMO

Tendo por referência a dinâmica recente do movimento quilombola em Minas Gerais, mais particularmente o acompanhamento de lideranças ligadas à Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais (N'Golo), na luta pelo acesso aos direitos diferenciados reconhecidos pela Constituição Federal, elaborou-se a proposta de pesquisa visando a aprofundar os estudos referentes à formação dessas lideranças políticas como sujeitos de direito. Com esse intuito, desenvolve-se o projeto de Mestrado em Educação, do qual esse artigo apresenta-se como resultado parcial. A pesquisa visa compreender as contribuições do movimento quilombola para o processo educativo desses sujeitos, tendo por referência narrativas elaboradas por eles. A investigação tem como *locus* a comunidade quilombola de Carrapatos da Tabatinga, localizada no centro-oeste mineiro. A partir da inserção no campo, busca-se compreender processos formativos presentes na comunidade sob a perspectiva da etnografia. O artigo descreve os procedimentos metodológicos implementados e analisa os embaraços e as atitudes assumidas pela pesquisadora em sua relação com os sujeitos da pesquisa, bem como a complexa relação subjetividade x objetividade que essa imersão em campo suscita no processo de pesquisa.

Palavras-chave: Comunidade quilombola. Narrativas. Etnografia.

ABSTRACT

This article considers the recent dynamics of the Quilombola movement in Minas Gerais and particularly the way in which the leaders of the Federation of Quilombola Communities in Minas Gerais (N'Golo) have continued to fight for access to the differentiated rights recognized by the Federal Constitution. Based on these considerations, this article was devised to extend studies on the formation of these political leaders as legal subjects. Consequently, a Master's in Education project was developed, and this study represents the partial results of it. The study seeks to understand the contributions made by the Quilombola movement to the educational process of these subjects, taking as a reference point the narratives produced by these subjects. The contextual *locus* is the Quilombola community of Carrapatos of Tabatinga, situated in the central-western region of Minas Gerais. Through fieldwork, an attempt has been made to understand the formative processes present in the community from an ethnographic perspective. Further, this study describes the methodological procedures implemented, analyzes the obstacles encountered as well as the attitudes adopted by the researcher with respect to the research subjects, and describes the complex relationship between subjectivity and objectivity that this involvement in the concerned field causes during the research process.

Keywords: Quilombola Community. Narratives. Ethnography.

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: <agda.quilombos@gmail.com>.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UEMG. E-mail: <jeustbrito@uol.com.br>.

INTRODUÇÃO

A pesquisa em educação que se propõe a descrever e analisar processos de constituição e transmissão de saberes numa comunidade tradicional a partir de narrativas veiculadas mediante o recurso da oralidade enfrenta, como ponto de partida, a necessidade de se legitimar diante das regras do jogo do conhecimento científico pautado por critérios restritivos no que diz respeito ao reconhecimento e à validação de suas bases epistemológicas. A redução da totalidade do conhecimento científico aos critérios do cientificismo erigidos tendo por base a explicação de tipo físico-químico, na avaliação de Japiassu (2011, p.15), “limita-se a uma abordagem técnica e pragmática da questão social, de onde assistimos, com tristeza, a rejeição das questões que não ingressam no domínio desses processos, como a vida, a consciência, a subjetividade, a liberdade”.

Partindo da premissa de que a pesquisa aspira a um conhecimento fundamentado empiricamente a partir da mediação conceitual e de procedimentos técnicos de produção que legitimam seus resultados, o processo de pesquisa tem sido caracterizado pela tensão inicial entre as prerrogativas hegemônicas de produção do conhecimento cientificamente validado e os saberes que emergem das formas de vida pautadas pela tradição em uma comunidade quilombola. Ainda de acordo com as regras do jogo que balizam o conhecimento científico, os saberes tradicionais apresentam-se como um conhecimento ligado ao “popular”, desprovidos de regras, processos ou qualquer outro elemento normativo que lhes dê o subsídio necessário para ser reconhecido e validado como um conhecimento, sendo sua legitimidade, em alguns casos, contestada.

Diante de tal dualismo, a Educação como campo empírico não apresenta um campo epistêmico definido e delimitado, sendo o espaço da pesquisa em Educação pautado por inter e transdisciplinaridade (CHARLOT, 2006), propondo novas perspectivas e formas de se pensar/produzir conhecimento no campo. Nessa perspectiva, a pesquisa em Educação dialoga com inúmeras áreas do conhecimento, sendo suas possibilidades e processos investigativos diversificados, permitindo pesquisas que vão além do espaço escolar.

Nesse contexto, o processo educativo existente nas comunidades remanescentes de quilombos possui relação direta com os saberes tradicionais, tendo na transmissão oral o principal instrumento de manutenção e de reforço de uma identidade do grupo. Mediante interação profissional com as comunidades do estado de Minas Gerais através de atuação na ONG CEDEFES³, emergiu a proposta de pesquisar o processo formativo dessas comunidades, tendo por elemento principal as narrativas utilizadas como instrumento nos diversos espaços de reivindicação e de formação política do grupo em questão.

Considerando nossa trajetória e nossa atuação com relação ao movimento quilombola no estado, tomamos por objeto de pesquisa a comunidade quilombola de Carrapatos da Tabatinga, localizada no município de Bom Despacho, região Centro-Oeste mineira, uma vez que ela apresenta elementos relevantes para a

³ Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva, ONG reconhecida por seu trabalho pioneiro de mapeamento das comunidades remanescentes de quilombos de Minas Gerais, desenvolvendo projetos sociais com diversos grupos tradicionais de todo o estado.

pesquisa que se busca desenvolver ao longo do processo de construção de uma dissertação de mestrado em Educação. A respectiva comunidade torna-se referência em nosso estado uma vez que resguarda manifestações diversas de matriz africana, entre elas, aspectos relacionados à religião, cantos, dialetos e – o fator de maior relevância para a pesquisa em questão – a memória acerca do cativo. Sendo constantemente retomadas nos processos educativo-formativos existentes no seio da comunidade, as narrativas assumem papel de relevância, sendo o elo que interliga as memórias do passado ao presente, manifestando-se na atualidade mediante transmissão entre gerações.

Mais que uma forma própria de educar, a dinâmica que as narrativas proporcionam dizem respeito a uma identidade de grupo, tendo na construção de um discurso próprio os elementos que endossam sua luta por reconhecimento e pela efetivação de direitos específicos. Nesse sentido, a retomada de uma memória de resistência, diretamente ligada ao período escravista, torna-se elemento de suma importância na construção identitária do grupo e, conseqüentemente, em sua legitimação como sendo etnicamente diferenciado. Aqui, é possível afirmar que a promulgação de leis que passaram a reconhecer os remanescentes de quilombos como sujeitos de direito foi elemento fundante para a mobilização política do grupo e para o “resgate” e a valorização de sua cultura. Tal processo implicará numa nova dinâmica entre essas comunidades, que passam a utilizar-se de seus aspectos culturais e de sua memória como instrumentos de luta, buscando o acesso aos direitos historicamente negados.

Nessa perspectiva, a educação ganha espaço de relevância, uma vez que se torna elemento indispensável na constituição do sujeito engajado e que se reconhece como sendo quilombola. Dessa forma, nas entrelinhas das formas de vida nessa comunidade remanescente de quilombo, a pesquisa etnográfica que estamos a realizar almeja identificar e descrever as evidências empíricas que visam à compreensão de tal processo. Este não diz respeito a uma série de normas pré-estabelecidas, mas sim a manifestações das ações cotidianas da comunidade em questão que estariam contribuindo para a transmissão de saberes sobre a experiência de vida, assim como fortalecendo os laços identitários e a consciência em torno dos direitos conquistados nas lutas por reconhecimento. Além disso, buscamos contribuir com o campo de pesquisas sobre comunidades quilombolas, que tem mobilizado a área da Educação e que tem proposto novas perspectivas e formas de se pensar e fazer Educação, não ficando tal processo restrito aos muros da escola⁴.

Diante do exposto, as questões que formulamos ao longo do presente trabalho buscam refletir acerca do papel do pesquisador em seu processo de pesquisa, uma vez que o problema de pesquisa demarcado emerge da atividade de trabalho de assessoria às comunidades quilombolas antecedendo, assim, ao ingresso no Programa de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Para além do olhar de pesquisador e de suas concepções previamente construídas mediante atuação profissional, o campo empírico impõe algumas prerrogativas que devem ser seguidas, trazendo para o processo da pesquisa em si uma série

⁴ Para uma compreensão do estágio da educação escolar quilombola, confira a pesquisa de Miranda (2012), que traça um quadro da situação no estado de Minas Gerais.

de indagações e incertezas acerca dos caminhos a serem seguidos durante o processo investigativo. Além disso, outras questões devem ser consideradas ao longo de tal processo, como, por exemplo, a relação do grupo com sua memória e identidade, tendo no autorreconhecimento os elementos que legitimam sua luta. Nesse sentido, nos indagamos a respeito de nossa postura como pesquisadores, considerando que nosso olhar é externo à comunidade, e, por isso, apresenta limites ao acesso, nas entrelinhas, aos elementos que se fazem necessários para a compreensão dos fenômenos formativos presentes nela.

A fim de contribuir com as discussões que têm sido feitas em torno do papel do pesquisador e do processo de pesquisa, buscaremos, ao longo do presente trabalho, analisar o processo investigativo que temos percorrido, dialogando com autores que nos auxiliarão numa melhor compreensão de nossa atuação mediante pesquisa etnográfica.

O PROCESSO EDUCATIVO QUILOMBOLA COMO INSTRUMENTO DE LUTA

As comunidades remanescentes de quilombos passaram a ser reconhecidas como grupo social detentor de direitos específicos mediante promulgação do Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) em 1988, instituindo que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). Apesar de reconhecer o direito territorial, a mobilização dos quilombolas toma fôlego em todo o território brasileiro, tendo, inicialmente, na luta por reconhecimento e acesso a direitos o eixo central de sua organização enquanto movimento social específico.

Rompendo com a definição do quilombo histórico, instituído pelo Alvará do Conselho Ultramarino de 1740, a nova definição dos remanescentes dos antigos quilombos se deu mediante promulgação do Decreto 4887/2003, que em seu artigo 2º estabelece:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003).

Pautados por critérios relacionados à sua etnicidade, inúmeras comunidades emergiram no cenário político sob a prerrogativa de uma reparação histórica e de acesso a direitos específicos. Nesse processo, o reforço de uma identidade e de um discurso próprio, além da defesa de uma cultura “diferenciada” tornam-se instrumentos de luta por direitos, passando esses grupos a formular novas representações coletivas. Tal reconfiguração daquilo que se designava por *quilombos* permitiu uma série de estudos que tiveram por finalidade a compreensão e análise do processo de afirmação identitária e de formulação discursiva do movimento quilombola. Nessa perspectiva, emergiu a proposta de pesquisarmos a comunidade de Carrapatos da Tabatinga, uma vez que ela possui uma organização sócio-política que se destaca das demais, sendo parte significativa de seus membros engajada nos movimentos políticos e culturais de seu município.

Localizada na área urbana do município de Bom Despacho, a comunidade torna-se referência local por meio de festividades tradicionais (como é o caso da tradicional guarda de Congado de São Benedito), bem como nos processos de mobilização política na luta por direitos, sendo seus membros representantes – em âmbito municipal, estadual e nacional – do movimento quilombola mineiro, ocupando cadeiras importantes na sociedade civil e no poder público. Centrada na figura da matriarca da comunidade, Dona Sebastiana, a comunidade tem no seu processo formativo-educativo o ponto central de sua relevância para o movimento, sendo este orientado pelas narrativas proferidas por sua principal referência.

Por um processo educativo constituído pela transmissão oral dos saberes, a formação de uma identidade coletiva do grupo se dá através da retomada de uma memória do cativo, uma vez que o grupo busca no passado, marcado pela resistência à escravização imposta aos seus antepassados, os subsídios que legitimem sua luta no presente. Nesse processo, as narrativas tornam-se importante instrumento na formação desses sujeitos, que se autorreconhecem como sendo remanescentes de quilombos, afirmando, assim, uma identidade reivindicada como sendo comum ao grupo. Tal afirmação identitária é de suma importância para compreendermos o processo educativo existente no seio dessa comunidade, que tem por ponto de partida a transmissão oral – por meio das narrativas – e, de chegada, a formulação de um discurso coletivo, reelaborado e endossado por seus membros em diversos momentos de reivindicação e de trocas culturais.

O OLHAR DO PESQUISADOR NA PESQUISA ETNOGRÁFICA: ENTRE SUBJETIVIDADES E OBJETIVIDADES

A atividade da pesquisa empírica e seu papel na construção de um conhecimento fundamentado, que contribua com determinado campo do saber, resultam de um processo teórico-metodológico que tem por objetivo final a inteligibilidade, sendo seus resultados apresentados segundo critérios que perpassam pela ética e a criticidade. O método da pesquisa etnográfica apresenta-se como uma estratégia investigativa que permite ao pesquisador uma imersão no grupo a ser pesquisado, com enfoque numa observação ampla da cultura e das formas de vida observadas a partir da interação com a comunidade. A observação participante pressupõe uma relação dialética, pautada pela subjetividade e pela troca.

Diante de tais prerrogativas, a pesquisa de campo nos coloca alguns questionamentos e desafios, uma vez que a presente pesquisa parte de uma experiência prévia no contexto analisado, ainda que em momentos distintos ao que se busca pesquisar. Tal interação coloca algumas questões que devem ser consideradas em nosso processo, uma vez que o desejo de pesquisa emerge de uma troca de experiências com o movimento quilombola, o que coloca o pesquisador num lugar de certa proximidade dos sujeitos. A relação entre prática profissional e pesquisa acadêmica torna-se elemento das discussões que buscamos desenvolver ao longo do texto, sendo parte das indagações que surgiram de nosso processo de pesquisa.

Um dos primeiros pontos a serem considerados relaciona-se à impossibilidade de neutralidade na pesquisa, uma vez que o pesquisador vai a campo carregado de concepções pré-estabelecidas que vão desde um quadro teórico delimitado, até

um olhar carregado, ideologizado e alimentado por suas experiências profissionais. Em sua obra *Segredos e truques da pesquisa* (BECKER, 2007), Becker encontra em Blumer subsídios para demonstrar que nenhum pesquisador nas ciências sociais traz a neutralidade para o processo de pesquisa. O autor afirma que o pesquisador utiliza de imagens, sendo estas “constituídas por suas teorias, pelas crenças correntes em seus próprios círculos profissionais e por suas ideias de como o mundo empírico deve ser construído de modo a lhe permitir seguir seu procedimento de pesquisa” (BECKER, 2007 p. 32).

O desejo pela pesquisa pode ser traduzido por aquilo que instiga o pesquisador a escolher determinado contexto e objeto a ser pesquisado, sendo essa escolha fruto de experiências, questionamentos ou lacunas identificadas ao longo de sua trajetória, não sendo diferente na presente pesquisa. Por outro lado, tal proximidade entre pesquisador e contexto pesquisado traz outros questionamentos, uma vez que existe uma reciprocidade entre ambos, uma relação que não se restringe à dimensão profissional nem aos momentos de luta pelo reconhecimento de direitos. Sendo assim, os resultados da pesquisa e os dados a serem divulgados colocam em pauta a ética do pesquisador e sua destreza em saber delimitar aquilo que pode ser divulgado ou não, uma vez que alguns dados podem gerar consequências indesejáveis para a comunidade pesquisada.

Por outro lado, o fato de existir uma interação entre observador e observado que antecede a pesquisa não nos dá subsídios, nem sequer autonomia, para sustentar que o conhecimento acerca do contexto investigado se apresenta em sua totalidade. O fato de nos posicionarmos como apoiadores da questão quilombola não nos faz ser um deles. Por sermos *sujeito externo* ao grupo, alguns aspectos relevantes para a compreensão do processo podem não ser captados unicamente pelo ato de observar se considerarmos os códigos, gestos e saberes ligados a uma cultura específica, que diz respeito unicamente aos seus membros; atributos acrescidos e apreendidos ao longo de sua trajetória de luta. Independentemente do desejo pela pesquisa, da afetividade existente entre nós, da experiência prévia e das observações que serão realizadas pelo trabalho etnográfico, como pesquisadores, seremos sempre o *outro*, o estrangeiro. Em outras palavras, possivelmente nos debateremos com ações e situações “incompreendidas”, que vão exigir uma maior sensibilidade para serem captadas.

Diante de tal problemática, a definição teórico-metodológica e o tratamento dos dados coletados em campo tornam-se elementos essenciais para a construção de um trabalho inteligível e que contribua com o campo de conhecimento ao qual está ligado. No que diz respeito às populações tradicionais – entre elas, as quilombolas – muitos aspectos relacionados à etnicidade são expressos através de uma simbiose com o passado, sendo elementos como a memória e sua conexão com o mundo espiritual fatores bastante subjetivos, que não podem ser captados de forma direta, pela observação.

Nesse sentido, a triangulação dos dados de pesquisa torna-se um procedimento que atribuirá maior inteligibilidade à pesquisa empírica, uma vez que confronta dados diversos, não ficando os resultados do processo restritos a um único método. Captar aquilo que, muitas vezes, encontra-se nas entrelinhas, que é de uma subjetividade intrínseca à realidade quilombola, torna-se desafiador ao pesquisador, que deverá demonstrar maior sensibilidade e um maior aprofundamento de seus referenciais teóricos.

Diante dessas questões, a pesquisa etnográfica emerge como um método que nos fornece instrumentos que possibilitam uma melhor organização e descrição daquilo que se observa, principalmente na tênue relação existente entre objetividade e subjetividade que a pesquisa de campo impõe. Ao descrevermos um determinado fenômeno, o fazemos pautados por uma série de conhecimentos e referenciais teóricos previamente estabelecidos, o que Becker (2007) definirá como “imagens preestabelecidas”. Já para Fourez (1991), a objetividade está sempre relacionada à cultura na qual o pesquisador está inserido, trazendo suas referências para o ato da observação e sendo o seu objeto traduzido por meio de sua interpretação, seu olhar como observador. Em outras palavras, “dizer que “alguma coisa” é objetiva é, portanto, dizer que é “alguma coisa” da qual se pode falar com sentido; é situá-la em um universo comum de percepção e de comunicação, em um universo convencional, instituído por uma cultura” (FOUREZ, 1991, p. 48).

Diante das trocas intersubjetivas presentes entre os membros da comunidade em suas relações cotidianas, considerando seu processo educativo em específico, nosso trabalho como pesquisadores torna-se ainda mais desafiador. Tal processo tem demandado a atenção vigilante a uma série de especificidades, cabendo a nós o papel de fazer uma leitura – e, conseqüentemente, uma descrição daquilo que temos observado – utilizando dos critérios que a pesquisa empírica nos fornece para não nos distanciarmos de nosso trabalho de pesquisa. Aqui, podemos afirmar que a pesquisa etnográfica torna-se mais subjetiva do que objetiva, uma vez que ela pressupõe uma maior interação daquele que pesquisa com seu objeto, sendo suas impressões e observações partes constituintes da pesquisa. Nesse sentido, o etnógrafo cria e recria suas hipóteses com sua interpretação acerca do objeto observado (ROCKWELL, 1986).

Sendo assim, a pesquisa etnográfica tem seu enfoque na compreensão dos processos sociais, sendo o pesquisador um coparticipante do processo, uma vez que não o analisa de fora para dentro, mas sim interagindo com seu objeto:

O etnógrafo observa e paralelamente interpreta. Seleciona do contexto o que há de significativo em relação à elaboração teórica que está realizando. Cria hipóteses, realiza uma multiplicidade de análises, reinterpreta, formula novas hipóteses. Constrói o conteúdo dos conceitos iniciais, não o pressupondo. Ao deparar-se com o aparente “caos” da realidade, que costuma provocar de imediato juízos etnocêntricos, aprende a abandonar a formulação abstrata e demasiadamente precoce, pois é necessário “suspender o juízo” por um momento. Assim, é possível construir um objeto que dê conta da organização peculiar do contexto, incluindo as categorias sociais que expressam relações entre os sujeitos. No duplo processo de observação e interpretação, abre-se a possibilidade de criar e enriquecer a teoria (ROCKWELL, 1986, p. 50).

Dessa forma, nossa posição como pesquisadores nos aponta inúmeros desafios diante dessa relação intersubjetiva a partir do reconhecimento de que a pesquisa passa a ser uma sistematização da cultura e das formas de vida de um determinado grupo. No caso das comunidades quilombolas, as relações de conflito e as intensas mobilizações por direito colocam esses grupos numa situação de intensa vulnerabilidade, principalmente no que diz respeito à titulação de seus territórios. Nesse sentido, há de se ter maior cuidado e utilizar alguns critérios ao se definir o que será incorporado na dissertação como dado empírico, uma vez que *nem tudo que*

é observado em campo deve ser transcrito. A questão que se coloca diante de nós e que exigirá um posicionamento ético é: como expressar no relatório de pesquisa conteúdos que reflitam o ponto de vista dos membros da comunidade quilombola que contribuam para o fortalecimento de suas lutas pelo reconhecimento de direitos, não obstante as tensões presentes no cotidiano da comunidade quilombola?

Considerando nossa relação afetiva com o contexto pesquisado, alguns pontos tornam-se desafiadores na interação com o campo de pesquisa, tais como: a) como apoiadores da causa quilombola, a observação em campo será intermediada por nossas crenças e ideologias previamente constituídas, não havendo, portanto, neutralidade no ato de observar; b) o fato de sermos apoiadores da causa quilombola não nos torna pertencentes ao grupo, podendo alguns elementos intrínsecos à sua vivência e estratégias de grupo não ser observáveis; c) a compreensão de elementos relativos à formação educativa dessas comunidades pela transmissão oral, considerando sua complexidade e subjetividade; d) a percepção de em quais momentos e espaços do cotidiano a identidade quilombola é expressa e afirmada; e) a reação e relação que os membros da comunidade estabelecerão mediante o deslocamento de nosso lugar de apoiadores do movimento quilombola para o de pesquisadores; f) por último, as observações do cotidiano versus momentos de reivindicação podem acabar por revelar aspectos que talvez não sejam condizentes com as políticas públicas focalizadas, o que pode ser de certa forma prejudicial ao grupo.

Diante dos questionamentos e possibilidades que a pesquisa qualitativa nos impõe, podemos concluir que nosso papel torna-se desafiador, uma vez que nosso objetivo é o de contribuir com as formulações e demais pesquisas já existentes no campo educacional e, em específico, da educação quilombola. Para além das contribuições no campo empírico, buscamos uma maior divulgação acerca da questão quilombola no Brasil, sendo a temática ainda em construção na área da Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões expressas ao longo do texto, foram elaboradas algumas reflexões relacionadas à pesquisa empírica conferindo destaque ao papel do pesquisador e na sua atuação no campo no intuito de melhor conduzir o processo de pesquisa a ser desenvolvido no quilombo Carrapatos da Tabatinga. Essas reflexões emergem no contexto de uma dissertação de mestrado ainda em construção. Nesse processo, algumas reflexões tornam-se pertinentes para a área da Educação e para as comunidades remanescentes de quilombos, apontando a necessidade de se pensar em novas práticas educativas desencadeadas pelos sujeitos coletivos que se mobilizam em torno da luta por direitos e, nessas mobilizações, se afirmam como sujeitos de saberes, como enfatizado por Arroyo (2012).

Nessa perspectiva, a compreensão de determinados valores existentes no interior do quilombo torna-se elemento indispensável na construção de conceitos e de uma proposta de educação quilombola, que passou a ser uma Diretriz Nacional

em 2012⁵. Não seria possível discutir ou sequer propor currículos e metodologias pedagógicas para uma educação quilombola se não fosse discutido o papel que a escola desempenha entre os discentes provenientes desses grupos e sua finalidade. Nesse sentido, a participação da comunidade no espaço da escola é fundamental para que a proposta se torne efetiva.

Com uma tradição orientada pela oralidade, a aprendizagem nesses quilombos tem seu início antes mesmo da inserção das crianças no âmbito escolar, observando-se nas práticas cotidianas os elementos fundamentais para uma formação orientada para a vida, para a solidariedade e para a valorização de uma cultura a ser reafirmada e preservada. Com base nessa percepção, acreditamos que a entrada dessas crianças na escola formal – orientada por um modelo educativo global, que quase nunca considera as especificidades étnico-culturais de seus discentes devido a sua característica etnocêntrica – possa resultar numa experiência malsucedida para aqueles sujeitos que se afirmam como quilombolas. Diante de uma concepção escolar que foi construída para atender os sujeitos do meio urbano, os grupos que apresentam uma forma peculiar de reprodução sociocultural correm o risco de não ter na escola os subsídios necessários para sua formação política.

Com o intuito de contribuir para a implementação das proposições que têm sido apresentadas para a educação escolar quilombola, a percepção e a descrição de determinado estudo de caso deve ser minucioso e condizente com o processo observado em campo, a fim de valorizar os processos formativos que se manifestam nesses espaços, além de reconhecê-las como formas legítimas de aprendizado. Nesse sentido, podemos considerar a prática educativa como uma estratégia forjada pelos próprios quilombolas e não como um processo que se desenvolve de forma abstrata, sem consideração por seu contexto.

Sendo assim, o processo de reivindicação vivenciado pelas comunidades remanescentes de quilombos não pode ser compreendido como um fenômeno espontâneo, sem organização prévia. Ao contrário, a utilização de uma “cultura tradicional” como instrumento de luta pode ser entendida como uma estratégia muito bem formulada por esses grupos, designada por Manuela Carneiro da Cunha (2009) como cultura com aspas.

Por outro lado, se considerarmos que todo discurso é controlado, selecionado e organizado (FOUCAULT, 2010), as comunidades remanescentes de quilombos utilizam-se de uma origem comum, cuja finalidade passa a ser o acesso aos direitos, garantidos por políticas da diversidade. Dessa forma, o processo de construção de uma identidade coletiva é:

[...] consequência de processos dinâmicos de inclusão e exclusão de diferentes atores que colocam em ação estratégias de designação e atribuição de características identitárias reais ou fictícias [...] Esses destaques das ‘dimensões’ e das ‘significações

⁵As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (BRASIL, 2012) tiveram sua promulgação em 20 de novembro de 2012, sendo o documento fruto do movimento quilombola e considerando as diversas iniciativas de uma educação que contemplasse os valores e saberes da cultura quilombola existente em alguns quilombos-referência pelo Brasil. Nesse processo, pesquisadores que se debruçaram sobre essa proposta educativa tiveram papel fundamental tanto na delimitação da própria diretriz, quanto em sua apresentação como uma demanda no cenário nacional.

da identidade' são geradores de diferenças ou, mais exatamente, de 'fronteiras sociais' [...] das quais os atores estimam que as coisas e as pessoas – 'nós' versus 'os outros' - são diferentes (CANDAUI, 2011, p. 27).

A identidade, nesse processo, emerge como uma representação que tem por aparato a *memória do cativo*, sendo esta alimentada e reconfigurada por esses grupos por meio de um discurso coletivo aparentemente homogêneo. Utilizados no discurso quilombola como legitimação de uma origem comum, os limites étnicos não podem ser delimitados pelos traços culturais supostamente comuns a um grupo em específico (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Para Hall (2009, p. 67), "quanto maior a relevância da etnicidade, mais as suas características são representadas como relativamente fixas, inerentes ao grupo, transmitidas de geração em geração não apenas pela cultura e a educação, mas também pela herança biológica [...]". Em outras palavras, a diferenciação étnica é evocada por esses grupos mediante aspectos biológicos e socioculturais, estabelecendo assim uma articulação discursiva (HALL, 2009).

Diante das observações apontadas ao longo do texto, avaliamos que a nossa tarefa na realização da pesquisa torna-se desafiadora tendo em vista a abordagem qualitativa centrada na perspectiva etnográfica, uma vez que lidamos com aspectos mutáveis e dinâmicos, considerando que nosso interlocutor na pesquisa é um grupo heterogêneo e diversificado.

No que diz respeito à Educação – e à Educação Quilombola em específico –, acreditamos que a presente pesquisa, juntamente com outros trabalhos que discutem a temática, pode contribuir para o reconhecimento de outras formas de se pensar e se fazer educação, principalmente em relação aos grupos que possuem processos educativos diferenciados. Ao darmos enfoque à Educação Quilombola, nos referimos às experiências diferenciadas, reconhecendo as demandas do grupo por direitos e por sobrevivência, dado o fato de que a educação é um importante instrumento de formação de indivíduos engajados, atuantes e defensores de uma causa própria.

Nesse sentido, é necessário compreender o processo educativo quilombola não somente como uma forma de manutenção dos saberes tradicionais, mas também como uma tecnologia social planejada e organizada no interior do quilombo. A formulação de seus discursos passa a ser orientada por uma demanda política, ou seja, pelo reconhecimento desses indivíduos como sendo sujeitos de direitos, sendo a compreensão desse processo de suma relevância para os estudos sobre Educação e sobre os quilombolas no Brasil. Miguel Arroyo define bem a importância que têm os processos educativos que emergem desses grupos num contexto generalizado, uma vez que:

A diversidade de movimentos sociais aponta que não podemos falar de uma única pedagogia nem estática nem em movimento, mas de pedagogias antagônicas construídas nas tensas relações políticas, sociais e culturais de dominação/subordinação e de resistência/afirmação de que eles participam (ARROYO, 2012, p. 29).

As discussões que buscamos levantar ao longo do texto podem ser consideradas ainda inacabadas, uma vez que imprimimos apenas observações preliminares, considerando que a pesquisa ainda se encontra em curso e essas reflexões

emergem a partir das primeiras incursões no campo. Com isso, nosso intuito foi o de problematizar algumas questões que já consideramos pertinentes ao processo de pesquisa, contribuindo, dessa forma, para uma troca de experiências com demais pesquisadores que se encontram em situação semelhante.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.N.) **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BRASIL. **Ato das Disposições Constitucionais Transitórias**. Brasília: STF, 1988. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/constituicao/artigoBd.asp?item=2351>>. Acesso em: 9 fev.2016.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Resolução n. 8, de 20 de novembro de 2012. **Políticas de promoção da igualdade racial**, Brasília, 2012. Disponível em: <www.seppir.gov.br> Acesso em: 9 fev. 2016.
- BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de nov. 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Legislação**, Casa Civil, Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 9 fev. 2016.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área do saber. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 7-18, jan./abr. 2006.
- CUNHA, Manuela Carneiro. "Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: _____. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 311-373.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2010.
- FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- JAPIASSU, Hilton. **Ciências**: questões impertinentes. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2011.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 369-383, 2012.

POUTIGNART, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth. Tradução Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. 250p.

ROCKWELL, E. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. In: EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1986.

Data da submissão: 13/01/2016

Data da aprovação: 13/02/2016